

Loucos por trabalho: a permanência de indivíduos diagnosticados com transtorno mental no mercado de trabalho: caso do setor bancário

Ana Christina G. Pereira

O presente estudo tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para que indivíduos diagnosticados com transtorno mental permaneçam no mercado de trabalho. Desejou-se conhecer seus principais desafios; o significado do trabalho, a relação que estabelecem com o mesmo e as formas de superação encontradas no sentido de permanecerem ativos e levarem adiante suas carreiras profissionais. O título “Loucos por trabalho” refere-se aos indivíduos que, a despeito das dificuldades vivenciadas, encontram no ato de trabalhar a motivação e a satisfação necessárias para dar prosseguimento às suas vidas, mesmo após o adoecimento. Optou-se por analisar o setor bancário visto que esse setor da economia sofreu nas últimas décadas grandes transformações na concepção e organização do trabalho oriundas do processo de reestruturação produtiva, principalmente nas últimas décadas, além de apresentar inúmeros casos de afastamento do trabalho por adoecimento, cuja consequência imediata é um processo vigoroso de medicalização do sofrimento psíquico. O ambiente profissional nos bancos é permeado por desafios tais como o quadro de pessoal cada vez mais reduzido; o *perfil de vendedor* exigido aos bancários para além do desempenho de suas atividades técnicas; a competitividade entre as pessoas, muitas vezes estimulada pelos próprios gestores e a pressão por resultados que se traduzam em lucratividade para os bancos. A pesquisa realizada por meio de entrevistas possibilita analisar a experiência do adoecimento no trabalho e, ao mesmo tempo, a importância do trabalho na vida dos indivíduos. Apesar das dificuldades encontradas por quem trabalha nesse setor e a despeito de se levar adiante a carreira bancária, há em todos os relatos um traço marcante: o valor que os indivíduos dão ao trabalho. Trabalhar representa a oportunidade de se colocar a serviço de algo, a forma pela qual é possível se sentir útil. Além disso, o trabalho é também um motivador para o restabelecimento da saúde. Enfim, esse estudo expressa o receio a que o trabalho desmedido e estressante seja visto não como uma doença da sociedade contemporânea, e sim como um problema do indivíduo, logo, estigmatizado. Há nas histórias narradas a nítida resistência a que o adoecimento do

indivíduo ganhe proporções maiores que o descompasso estrutural da organização do trabalho. Palavras-chave: Setor bancário. Trabalho. Reestruturação produtiva. Adoecimento mental.

Metodologia

Esse estudo analisou a experiência do adoecimento e, ao mesmo tempo, a importância do trabalho na vida dos indivíduos a partir da perspectiva qualitativa, em que se buscou conhecer as representações dos entrevistados sobre suas experiências de trabalho, sua trajetória laboral, suas experiências com o adoecimento e seus projetos futuros. Além disso, desejou-se apreender as controvérsias acerca do transtorno mental no contexto profissional e identificar os seus efeitos sobre o trabalho. Quis-se compreender quais foram as condições de permanência no trabalho encontradas pelos indivíduos. A pesquisa utilizou entrevistas individuais com informantes que foram selecionados a partir da técnica “bola de neve”. Apesar do setor bancário parecer familiar aos olhos de quem vive na cidade e faz uso dos serviços prestados por esse setor, é perfeitamente possível estranhá-lo, sobretudo quando se é capaz de contrastar distintas versões existentes a respeito dos fatos. Foi essa a intenção desse estudo.

Sobre a temática do adoecimento mental abordada na pesquisa, de acordo com a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10), os transtornos mentais possuem várias categorias e compreendem desde acometimentos como a demência, as neuroses graves e psicoses até o uso abusivo de substâncias psicoativas (OMS,1993). Para efeito da pesquisa, embora os indivíduos tenham sido acometidos pelos transtornos, eles possuíam plena consciência de si e, portanto, não se encontravam em crise ou surto.

Foram 11 entrevistados, homens e mulheres, com faixa etária entre 28 e 57 anos, funcionários e ex-funcionários de instituições bancárias públicas e privadas. Os informantes residem na capital Belo Horizonte e em outras duas cidades do estado de Minas Gerais. Dos informantes, apenas três não possuem histórico de adoecimento mental. O objetivo de entrevista-los foi conhecer como percebem o ambiente de trabalho bancário e o adoecimento mental sob o ponto de vista de quem trabalha com as pessoas que passam pela experiência de adoecimento, mas não a vivenciam.

Resultados e Conclusões

Uma das características marcantes das décadas de 1990 e das subsequentes é a transformação do mundo do trabalho e sua desconstrução pela lógica capitalista. Como demonstrado por Antunes (2011), a globalização neoliberal vem eliminando o emprego contínuo e a segurança no trabalho. Frente ao mercado de trabalho cada vez mais excludente, os trabalhadores tornaram-se vulneráveis às más condições laborais.

No estudo foram identificados fatores que contribuíram para o restabelecimento da saúde mental ou minimização do quadro de adoecimento dos bancários entrevistados, tais como a possibilidade de fazer um tratamento psiquiátrico, o apoio dos familiares e amigos próximos e os cuidados com o corpo e com o sono. A maioria dos bancários elegeu o uso do medicamento psiquiátrico como primeira condição para o restabelecimento da saúde.

Outro fator de restabelecimento da saúde dos trabalhadores diz respeito à reinserção profissional. A oportunidade de reinserir-se no trabalho não só é desejada como defendida pelos bancários. No entanto, percebeu-se que as instituições bancárias não possuem e muito menos disseminam a tolerância e o comportamento agregador, inclusive na forma de conduzir os casos de adoecimento.

Os bancos esperam de seus funcionários um desempenho que se traduza na maior rentabilidade para a instituição. O modelo difundido é aquele do funcionário produtivo, que não falta ao trabalho, alcança metas elevadas, está disponível integralmente para o banco, mesmo que isso signifique o adiamento de férias e consultas médicas; estar à disposição do banco 24 horas, levando trabalho para casa, de forma que as horas extras não sejam contabilizadas. Ainda, pôde-se observar que os bancos não esperam de seus empregados uma adequação a um quadro estável em que a carreira é desenvolvida paulatinamente, ao longo da vida, como bem apontado por Sennett (2000). O anseio organizacional é que seus “colaboradores” ou “parceiros” provem suas competências e justifiquem constantemente suas funções (GAULEJAC, 2007, p.123), sem que, contudo, recebam dos empregadores garantias ou perspectivas de ascensão profissional.

No estudo, identificou-se uma carreira subjacente à bancária, o que se denominou como a carreira do adoecido. Percebeu-se que as narrativas possuíam semelhanças e apontavam para fases similares na trajetória profissional daqueles indivíduos extremamente dedicados aos bancos e que, em determinado momento, descobriram-se acometidos pelo adoecimento mental.

Na primeira fase, após certo tempo de trabalho, o funcionário passa a questionar o ambiente e as relações de trabalho e apresenta menos tolerância ao assédio moral e à

pressão exercida sobre ele. O indivíduo passa a demonstrar sinais de “esgotamento” físico e mental devido a longos períodos de negligência em relação à saúde. Em uma segunda fase, o indivíduo luta contra os limites do próprio corpo e resiste a procurar apoio médico. No entanto, já não está mais satisfeito com o trabalho e com sua produtividade. Manter a rotina laboral torna-se um fator de angústia. Na terceira fase, o bancário assume para si que há algo errado com sua saúde e busca ajuda médica, sobretudo, busca um tratamento medicamentoso que proporcionará alívio imediato e não trará prejuízo à sua carreira ou às suas expectativas de crescimento profissional. Assim, esse indivíduo poderá retomar seus níveis de produtividade e garantir seu lugar na instituição. Na quarta fase, quando o tratamento medicamentoso já não é suficiente, o indivíduo se vê sem saída e sem condições de desempenhar suas atividades laborais. Nesse momento, aceita ser afastado de seu trabalho por ordens médicas. Por fim, como última fase está a volta ao trabalho após o período de afastamento. Apesar das inúmeras críticas sobre o ambiente de trabalho bancário, voltar a trabalhar não é só necessário como desejado, pois os indivíduos querem se sentir úteis e produtivos, como se sentiam antes do afastamento. No entanto, a readaptação nem sempre se dá de uma forma fácil.

Para cada fase há relatos muito claros dos entrevistados que exemplificam cada etapa da carreira do adoecido, conforme apresentados no quadro 1.

Quadro 1 - Etapas da carreira do bancário adoecido

Fases na trajetória da atividade bancária	Narrativas exemplificadoras de cada fase
Início da carreira	“Eu sempre tive vontade de trabalhar em banco, de ser bancário” (Frederico). “Eu queria um emprego melhor” (Helena).
Sintomas de adoecimento	“Comecei a ter pavor do banco...” (Frederico). “Você não dorme e aí, amanhece cansada, parece que a mente está trabalhando o tempo inteiro” (Helena).
No limiar do adoecimento	“É como se você fizesse o castelinho de areia durante o mês. E no último dia do mês, eles pisam e fazem você construir tudo de novo. Mas não cresce quarto, não cresce sala, não cresce nada. Você fica robotizado” (Paulo). “[Há] ansiedade, apreensão, conflitos” (Aline).
Afastamento	

	<p>“Demorei a aceitar que precisava afastar. [...] A gente parece que não é nada. A gente se sente inútil [...] As pessoas acham que a gente afasta e a gente não volta [ao trabalho] porque a gente não quer trabalhar. É o contrário. Eu me dediquei demais por isso que eu adoeci” (Joana). “Eu não soube encarar a pressão” (Jussara).</p>
<p>Volta ao trabalho após afastamento</p>	<p>“Tem uma época que você quer voltar [ao trabalho] e tem época que não quer. Parece que você tem vergonha de ver as pessoas [...]. Mas a hora que vai melhorando, aí você fica louca pra sair, pra ir trabalhar, pra fazer as coisas” (Helena). “Descobri que tem vida pós banco” (Paulo).</p>

O adoecimento incorpora-se à experiência dos indivíduos, conduzindo-os a uma nova compreensão acerca de si mesmos. Isso os impele a ajustarem-se à situação da doença e a agirem sobre ela por meio da elaboração e realização de projetos (RABELO; ALVES; SOUZA, 1999). De acordo com as pessoas ouvidas na pesquisa, seus projetos referem-se à necessidade de descobrir formas de readaptação e realização das atividades sem sofrerem como antes.

As experiências de adoecimento, relatadas pelas pessoas entrevistadas na pesquisa, evidenciam o que foi denominado por Bendassolli (2007, p. 11) de “mal estar na sociedade de gestão e a tentativa de gestão do mal estar”. No entanto, seria determinista afirmar que, em qualquer circunstância, o trabalho bancário é, em si mesmo, fonte de adoecimento. Certamente, é possível afirmar que as condições atuais de trabalho observadas nos bancos têm sido um dos fatores que adoecem os trabalhadores. Tais condições são o ritmo intensivo de trabalho, as cobranças de alcance de metas e a insegurança quanto à permanência nos postos de trabalho. Sabe-se que os indivíduos possuem características distintas e cada um possui sua própria história além de experienciar de formas diferentes as diversas situações da vida. Se não é possível comprovar em cada caso que foi o trabalho que adoeceu o bancário, não se deve também fechar os olhos para a grande quantidade de evidências apresentadas nos relatos e que permitem apontar correlação entre trabalho e doença.

Na sociedade contemporânea, existe o risco de que o trabalho desmedido e estressante continue sendo visto como um problema exclusivamente do indivíduo e, em

consequência, quem adoece é estigmatizado. No entanto, esse problema deveria também ser entendido como uma evidência de que a sociedade está doente. Essa doença da sociedade se refere às exigências atuais do trabalho, que são experimentadas cotidianamente pelos trabalhadores de modo individual como um grande desafio físico e psíquico.

Referências

ANTUNES, Ricardo. O continente do labor. São Paulo: Boitempo, 2011.

BENDASSOLLI, Pedro F. O mal-estar na sociedade de gestão e a tentativa de gestão do mal-estar. In: GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2007.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação de Transtornos mentais e de comportamentos da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Tradução de Dorival Caetano (Coord.). Porto Alegre: Artmed, 1993.

RABELO, MCM.; ALVES, PCB.; SOUZA, IMA. **Experiência de doença e narrativa [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>. Acesso em 09 jul. 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

